

Poemas  
de  
Última  
Geração

S A M U E L M A R I N H O

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2019*



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Luciana Felipe

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

M338p MARINHO, Samuel.

Poemas de última geração / Samuel Marinho – Penalux:  
Guaratinguetá, 2019.

126 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-611-6

1. Poesia I. Título

CDD B869.1

---

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## POESIA DE PRIMEIRA, DE ÚLTIMA GERAÇÃO

Em tempos sombrios, criar é um ato revolucionário. Em tempos de pobreza intelectual, escrever é um ato de resistência. Em tempos de urgência dos toques nas telas dos celulares, algoritmos com conteúdos pré-programados nas redes sociais, tendência a se exilar em uma bolha de pensadores irmãos, escrever poesia é um grito de guerra, um levante as armas; mas, acima de tudo, uma forma de expressão pura, que resgata a essência da arte ao explorar a beleza mais fundamental – e muitas vezes esquecida – do homem: a capacidade de imaginar, a habilidade de sentir e de enxergar através das palavras.

Tais considerações iniciais não são em vão. Em tempos de imediatismo e barbárie política e social, escrever poesia, dedicar-se como um servil diante da palavra escrita e dela retirar a essência do que compõe nosso tempo é tarefa árdua e para poucos. Em seu novo livro, *Poemas de Última Geração*, Samuel Marinho se debruça sobre papéis, máquinas de escrever, computadores e *smarthphones* para traçar um parâmetro lírico inusitado da pós-modernidade, a partir de um elo de resgate com a beleza ancestral do que faz da poesia um gênero literário apreciado e cultivado através das gerações.

Essa sua relação com a contemporaneidade, assim como com a formatação do poema na página impressa, algo que teve contato em seu livro anterior (*Poemas In Outdoors*, 2018) e que se repete neste novo volume de forma mais intensa, faz com que a leitura de sua poesia às vezes se assemelhe à leitura de um *post* de rede social, uma mensagem no *instagram*, um *twitter* captado com o canto dos olhos, que nos rouba o tempo e nos leva à reflexão.

Um amém a essa forma ousada de escrita, uma *selfie*? Sim, várias e desejadas *selfies*, retratos dos nossos dias e definição do nosso recorte temporal. Palavra de origem inglesa, língua universal, que possui um significado facilmente reconhecido, recurso que tornam autoexplicativos os versos do poeta que, com ela, constrói um dos poemas mais elegantes do seu novo livro: “*que seja o post a poesia mais direta / que o deslize das mãos alcance vida mais concreta / o que será a selfie senão o autorretrato do poeta?*” (Poesia por Todos os Séculos Amém).

Outra ousadia que me cabe, e me permito afirmar, como apreciador da poesia de Samuel Marinho, é que sua escrita não fica em cima do muro. Samuel não é diplomático, não é chapa branca, não se esconde atrás do conforto da imparcialidade e não se acovarda tentando agradar gregos e troianos, para usarmos uma referência conhecida por todos. O poeta mostra seu posicionamento de forma tão sutil e com fina ironia que o próprio título do poema *Da Timeline do País de Alice* é

pura poesia a preparar o leitor para duas frases, somente duas, que tem em sua simplicidade o poder de desnudar hipócritas e a força de ruborizar canalhas: “*conhecereis a verdade / por meio de fake news*”.

Quase como em uma citação bíblica, o autor resume de forma precisa nosso tempo e sua superficialidade, em que certezas fugazes são formadas em grupos de mensagens instantâneas, em que presidentes são eleitos com *fake news*, em que a verdade, como a conhecíamos, já não existe mais. Além de um poema com poderosa força reflexiva, a simplicidade dos versos parece proposital, sob medida para o alcance de mentes limitadas, não acostumadas a composições mais longas e elaboradas.

E na ausência da ironia de versos curtos, por outro lado, fazendo o uso de longas explicações confessionais, a poética de Samuel cria variações pra expressar seu sentimento sobre o mundo, sua visão acerca de temas como a indiferença social. Esse incômodo é retratado de forma cálida, melancólica e com o coração na boca no poema *Às 22:38 do Dia 3 de Julho de 2019 na Avenida Paulista com a Consolação Eu Sentei e Chorei*. Longo e perversamente pessoal, ele desnuda a realidade de um Brasil pós-golpe parlamentar, país dos cegos, dos surdos, dos embrutecidos de coração. Nele, poeta e poema se amalgamam, trazendo à íris a imagem das ruas de “*gente jogada no chão da vida*”, vítimas sociais “*deitados em colchões de concreto e asfalto*”; lágrimas brotam na face do

poeta ao ver lixo tratado, mas gente não, e se tornam ainda mais profusas ao testemunhar “os meninos e meninas dos jardins / comemorando nos bistrôs espalhados pelas calçadas / a mesma noite bela e festiva e agasalhada / que demorava pra terminar”. Do olhar reflexo do poeta, emerge a indignação e uma dolorida consciência de desumanidade, revelada na força de sua expressão poética ao que denomina de “*harmonia da indiferença*”, crítica em forma de arte – versos de desespero e de desassossego.

Além do lado político e social, *Poemas de Última Geração* traz também uma construção em cima de referências poéticas e da cultura *pop* em geral, explorando de forma delicada e atual o conhecimento do leitor, seja através de citações a poetas e personalidades contemporâneas ou não (Augusto dos Anjos, Cecília Meireles, Fernando Pessoa, Frida Kahlo, Caio Fernando Abreu, Belchior, Tiago Iorc, Marília Garcia, dentre outros); de referências a antigos desenhos animados e filmes (Os Jetsons, Os Flintstones, De Volta para o Futuro) que até hoje habitam o imaginário daqueles com trinta e poucos anos ou mais; ou de alusões a títulos mais atuais (Game of Thrones, Black Mirror, Velozes e Furiosos) que fazem a cabeça daqueles de vinte e poucos anos ou menos, os de “última geração”.

Ao trazer sua poesia para o diálogo com a cultura *pop*, interessante perceber que o poeta traça em seus versos referências que transcendem mídias. Quando associa a sua lira ancestral com o imediato do mundo, sua poesia acaba

servindo de ponte entre a arte poética e a cultura consumida pela geração que se pergunta sobre a existência de algum filme ou série de TV nas plataformas de *streaming*.

Essa costura, cuidadosamente pensada, é um dos elementos mais instigantes do livro, que pressupõe uma constante tensão de tempos, e que se revela na diversidade de técnicas que apresentam os poemas (soneto, haicai, limerick, versos especializados, poema visual, poema-corrente, poema-meme, poema-piada, paródia, paráfrase, poemas com autocompletes do Google e poemas atribuídos a outrem), na tentativa de unir gêneros e gerações diferentes através da palavra.

Não fugindo do léxico contemporâneo, e trazendo com ele um dos temas mais recorrentes do gênero poético, Samuel Marinho compõe, por fim, um dos poemas de amor mais belos que li nos últimos tempos, misturando amor e roubo no quase desfecho do livro: “*e quem hackeou meu smartphone se ferrou / vai só ouvir áudios de amor*”. Do roubo nasceu *Escuta Livre* e, de sua leitura, nasceu um sambinha deste gaúcho que ama o Rio de Janeiro: “*Ora, pois meu caro ladrão / seja você real ou não / se de um poeta roubou o smartphone / do poeta ganhou imortalidade / e até perdão*”.

É dessa inter-relação de gêneros e mídias, em uma retroalimentação constante da própria arte em suas variadas vertentes, mesclada com a atualidade dos versos e a consciência do horror dos nossos tempos que é feita a poesia de Samuel Marinho: uma poesia maiúscula que

aposta sem abusos em um conjunto rico de referências, simbologias e possibilidades e, a certa altura, em uma habilidosa reconstrução de versos antigos, trazendo-os para a atualidade com a coragem de um visionário. Que não demore sua próxima geração de poemas, e que assim seja poesia por todos os séculos.

MARCELO FROTA

*Professor de Língua Inglesa e Literatura, poeta e escritor,  
autor do livro “O Sul de Lugar Nenhum”*



Carregando...



98%

✉ smkbrazil@hotmail.com

📷 @samukabel

---

Este livro foi composto em Bembo Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em dezembro de 2019.

---